



# DIÁLOGOS TEÓRICOS ENTRE ESCOLAS DE PENSAMENTO CRÍTICO: BREVES REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA\*

 10.5935/2177-6644.20220003

THEORETICAL DIALOGUES BETWEEN  
SCHOOLS OF CRITICAL THOUGHT: BRIEF  
REFLECTIONS ON THE BRAZILIAN  
CULTURAL FORMATION

DIÁLOGOS TEÓRICOS ENTRE ESCUELAS  
DE PENSAMIENTO CRÍTICO: BREVES  
REFLEXIONES SOBRE LA FORMACIÓN  
CULTURAL BRASILEÑA

Leonardo Henrique Brandão Monteiro\*\*

 <https://orcid.org/0000-0002-5323-1107>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo fundamentar um diálogo entre escolas de pensamento social que viam na formação possibilidades de emancipação/libertação dos sujeitos. Uma breve reflexão acerca de especificidades sociais brasileiras, permite perceber a necessidade de ler conceitos produzidos com anseios de libertação/emancipação de forma crítica e que permita sua adequação às configurações locais.

**Palavras-chave:** Teoria Decolonial. Teoria Pós-Colonial. Teoria Crítica. Emancipação. Libertação.


**Abstract:** This article aims to establish a dialogue between schools of social thought that saw in the formation possibilities of emancipation/liberation of the subjects. A brief reflection about Brazilian social specificities allows us to realize the need to read concepts produced with the desire for liberation/emancipation in a critical way that allows their adaptation to local configurations.

**Key-words:** Decolonial Theory. Postcolonial Theory. Critical Theory. Emancipation. Liberation.

**Resumen:** Este artículo pretende fundamentar un diálogo entre escuelas de pensamiento social que vieron en la formación posibilidades de emancipación/liberación de los sujetos. Una breve reflexión sobre las especificidades sociales brasileñas nos permite comprender la necesidad de leer los conceptos producidos con anhelos de liberación/emancipación de una manera crítica que permita su adaptación a las configuraciones locales.

**Palabras-clave:** Teoría decolonial. Teoría poscolonial. Teoría crítica. Emancipación. Liberación.

\* Uma versão deste texto foi apresentado no *XI Congresso Internacional de Teoria Crítica* em Araraquara (São Paulo).

\*\* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos UFSCar).  <http://lattes.cnpq.br/7962875409074026> - E-mail: [monteiro.hb.leonardo@gmail.com](mailto:monteiro.hb.leonardo@gmail.com).

## Introdução

O objetivo deste trabalho é o de realizar um diálogo entre concepções da Teoria Crítica frankfurtiana e de outros vieses teóricos críticos, sobretudo em teorias decoloniais e pós-coloniais. A leitura da Teoria Crítica do que se tornou comum chamar Escola de Frankfurt juntamente com teorizações pós-coloniais/decoloniais se faz relevante devido ao caráter “bárbaro” da teorização dos autores destes matizes, principalmente se considerarmos os primeiros estudiosos desta vertente de pensamento, ao que toca o papel da identidade judaica em suas teorias e problemáticas de reflexão, pois apesar de se situarem no Ocidente, estes autores estariam em situação semelhante a ameríndios, muçulmanos, africanos ou outros povos do “Terceiro Mundo” (MIGNOLO, 2003). A partir desta premissa, pretende-se realizar apontamentos e contribuições para pensarmos em uma formação voltada à autonomia em sociedades interculturais/pluriculturais marcadas por tensões e heranças diferentes daquelas encontradas nos contextos dos países que usualmente são classificados como centrais na etapa da Modernidade em que nos encontramos. Espera-se possibilitar o ensejo de uma flexão crítica ao se pensar educação/formação para a autonomia no que diz respeito ao Brasil. Intento debater se no contexto em que estamos inseridos o de uma sociedade que não é europeia e se encontra às margens da hegemonia cultural do sistema-mundo consolidado, podemos pensar em uma formação cultural que tenha como fundo os preceitos da ilustração apregoada por Kant? Seria possível um ser humano destas margens acessar uma formação cultural – como a defendida por Adorno - que lhe promova uma autonomia real, nestes termos? Ou seria, mas prolífico pensar ferramentas para a formação e quiçá libertação dos sujeitos a partir de um ferramental construído ou adaptado a estas realidades? A ideia que atravessa este trabalho é o de pensar, sobretudo, a categoria formação, a partir de nossa localização dentro de um sistema-mundo que nos engloba.

A reflexão é dividida em seções, uma introdutória na qual serão discutidos conceitos de extrema relevância para a Teoria Crítica da Sociedade, tais como Formação (*Bildung*), Semiformação (*Hallbildung*) e Indústria Cultural, todos conceitos que se interligam à noção de Dominação Cultural. A intenção deste escrito é a de deslocar estes conceitos e trabalhá-los em um horizonte cultural diferente daquele de seus respectivos autores. Para isto, na seção seguinte mobilizo o conceito de Modernidade-Colonialidade, enfocando os modos pelos quais se construiu um sistema-mundo hierarquizado e classificado a partir da Europa, bem como, a importância de uma descolonização epistemológica na elaboração de um pensamento crítico acerca da situação planetária qual vivenciamos.

A seção, nomeada “Tensões a brasileira: Horizonte cultural de uma modernidade periférica”, tem por objetivo centrar a discussão sobre o horizonte cultural brasileiro e a forma como se consolida um modelo de modernização conservadora (FERNANDES, 2006), dentro de um quadro de tensões e ambiguidades geradas a partir dos desdobramentos de um processo de colonização ancorado fortemente na presença da escravidão como instituição total, integrante diretamente ou indiretamente da maior parte das relações sociais nestas terras que ainda não possuíam o sentido de Brasil. A presença da cruel escravização de seres humanos e suas reverberações deixam ranços no tecido social que podem ser visualizados até hoje. As especificidades da forma pela qual o Brasil torna Brasil, também apresenta particularidades na construção e consolidação de sua Indústria Cultural. Desta forma, é necessário refletir sobre estas particularidades. Realiza-se isto em seção, na qual, a ideia de Adorno & Horkheimer (1985), sobre a composição da Indústria Cultural será trabalhada a partir do diálogo com Ortiz (2001). Pois, o processo de modernização conservadora engloba não só a construção/importação de um Estado-Nação, sem os valores apregoados e a “graxa simbólica” presente na Europa (SOUZA, 2006) – como trabalhado na terceira seção. A consolidação da Indústria Cultural brasileira se faz presente, a partir de uma lógica de mercado e uma irradiação ancorada no Estado e não como fora alhures. Na seção de apontamentos finais, as concepções de Adorno (1995) são deslocadas a partir de um diálogo crítico com autores como Freire (1967; 1996), Fanon (2005; 2008) e Souza Santos (2007), entre outros. A intenção é refletir sobre o vislumbre de processos, ou premissas, que se façam presente na constituição de seres humanos que caminhem para uma emancipação/libertação, trazendo à baila a importância da inserção crítica dos sujeitos em um sistema-mundo de relações transnacionais, as quais são classificadas e hierarquizadas rotineiramente.

### **Brevíssima contextualização acerca dos conceitos de Formação (*Bildung*), Semiformação (*Halbbildung*) e Indústria/Dominação Cultural**

Adorno (2010), defende a ideia de que há uma crise, uma deturpação, na formação cultural, ou seja, hoje viveríamos uma formação deficiente, ou corrompida, a qual o autor chama de *Halbbildung* (semiformação). Esta semiformação não teria como direcionamento a emancipação do gênero humano, mas a sua adaptação ao sistema capitalista. A formação voltada à autonomia dos seres humanos<sup>1</sup> seria aquilo que o autor nomeia *Bildung*. A *Bildung* se desvirtuaria após a

---

<sup>1</sup> Importante para a contribuição a qual este escrito se propõe pensar sobre a seguinte asseveração de Quijano (2006, p. 424, grifos do autor): “[...] na Europa da Ilustração, as categorias *humanidade* e *sociedade* não se estendiam aos povos não ‘ocidentais’, ou somente de maneira formal, no sentido de que tal reconhecimento não tinha efeitos práticos. Ou

consolidação da hegemonia burguesa na Europa, pois uma educação/formação que fora pensada para pessoas livres e iguais ao ser desenvolvida em um contexto hierarquizado se torna mera ideologia. As contradições capitalistas escancaram a impossibilidade de uma formação no modelo kantiano<sup>2</sup>, de modo que a experiência formativa é substituída por um estado informativo pontual, fornecido pela indústria cultural (ZUIN; PUCCI; LASTÓRIA, 2015). Deste modo, para Adorno (2010), a integração social se realizaria mediada pelos produtos da indústria cultural, envolta pelo véu do consumo. De forma a integrar os seres humanos a uma consonância com o *status quo*, esta forma de integração é classificada pelo autor como uma sociedade administrada.

Nobre (2004), ao se deter sobre a construção de Adorno e Horkheimer do conceito de mundo/sociedade administrado(a), assevera que, para os autores, a base deste tipo de dominação social, se ancoraria em uma racionalidade instrumental. Adorno (2010), busca na formação (*Bildung*), que era realizada outrora, o exemplo de uma formação emancipadora, pois esta permitiria o que Horkheimer (2002) trata por razão objetiva, que possibilitaria uma compreensão e uma inserção transformadora no mundo. Deste modo, não é de se espantar que Adorno (2010) se choque com o fato de soldados nazistas matarem ao som de música clássica. Para o frankfurtiano, ao realizar isto se rompia com toda a promessa de felicidade trazida por este tipo de música<sup>3</sup>. Estes soldados nazistas seriam um grande exemplo de indivíduos atados a uma racionalidade instrumental, portanto, classificados como sujeitos semiformados. Pois, o “semiformado, na medida em que está excluído da cultura e, ao mesmo tempo, com ela concorda, passa a dispor de uma segunda cultura *sui generis*, não oficial, que, por consequência, se alivia graças a um autêntico encontro marcado pela indústria cultural” (ADORNO, 2010, p. 37). A indústria cultural é lida como um aparato de dominação cultural e propagação da semiformação e o indivíduo sob sua égide não teria acesso à cultura de fato que podemos chamar de universal, na esteira do pensamento adorniano – pois a sua forma de vivenciar a cultura seria desprovida de uma aura que apenas elementos culturais legítimos possuiriam.

Indústria Cultural é um conceito central à analítica de Adorno sobre a cultura. Defende, que esta teria um efeito regressivo sobre a população e geraria um efeito de integração de seus consumidores, realizado de cima para baixo e de forma deliberada, esvaziaria de sentido e

---

seja, havia uma hierarquia, não desfeita até hoje, que alocava os povos em uma escala na qual no topo se localizaria o Ocidente.

<sup>2</sup> Gruschka (2014), aponta que para além das considerações tecidas por Adorno e Horkheimer (1985) na dialética do esclarecimento, o modelo de formação iluminista se vê emperrado nas sociedades ocidentais, por questões ligadas a moral, ou ao fenômeno que o autor trata por *frieza* burguesa.

<sup>3</sup> Ver: Hall (2013), para uma abordagem que enfoca para a (re)significação constante tanto dos signos, quanto dos elementos culturais, especialmente o texto *Que “negro” é esse na cultura negra?*.

esmaeceria a aura tanto da arte inferior quanto da arte superior, sendo que o consumidor dos produtos desta indústria seria objeto e não sujeito (ADORNO, 1978). Algo que não possui destaque nas ideias de Adorno é a noção de disputa de espaço simbólico que ocorre, mesmo quando a cultura popular se encontra sob a égide da indústria cultural. O caribenho Stuart Hall (2013)<sup>4</sup>, nos fornece ferramentas para a reflexão neste sentido. Afirma que a cultura, em especial a cultura popular, não pode ser pensada fora das relações de dominação e subalternação próprias das relações de poder desenvolvidas em seu interior. De modo, que não a considera nem autônoma e nem em total encapsulamento. Assevera

[...] as pessoas comuns não são uns tolos culturais, elas são perfeitamente capazes de reconhecer como as realidades da vida da classe trabalhadora são reorganizadas, reconstruídas e remodeladas pela maneira como são representadas (isto é, reapresentadas) [...]. As indústrias culturais têm de fato o poder de retrabalhar e remodelar constantemente aquilo que representam; e, pela repetição e seleção impor e implantar tais definições de nós mesmos de forma a ajusta-las mais facilmente às descrições da cultura dominante ou preferencial. É isso que a concentração do poder cultural [...] realmente significa. Estas definições não tem o poder de encampar nossas mentes; elas não atuam sobre nós como se fossemos uma tela em branco. Contudo, elas invadem e retrabalham as contradições internas dos sentimentos e percepções das classes dominadas; elas, sim, encontram ou abrem espaço de reconhecimento naqueles que a elas respondem. A dominação cultural tem efeitos concretos – mesmo que estes não sejam todo-poderosos ou todo-abrangentes (HALL, 2013, p. 281-282).

De mesmo modo, não se pode pensar numa cultura popular que se gere sem estar no circuito de distribuição do poder<sup>5</sup> e sujeita às suas relações de força. Por isto, é importante para a reflexão que aqui se desenrola pensarmos em consonância com Hall de que há uma disputa irregular e desigual, que intenta constantemente desorganizar e reorganizar as formas de cultura, de modo a intentar estabelecer e manter uma certa hegemonia. De modo, que por vezes encontram-se pontos de resistência, e outros de superação. Estes movimentos comporiam a dialética da luta cultural.

Na atualidade, essa luta é contínua e ocorre nas linhas complexas da aceitação, da recusa e capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas (HALL, 2013, p. 282).

Este campo, seria a “arena do consentimento e da resistência” (HALL, 2013, p. 291). As

---

<sup>4</sup> Stuart Hall, é situado muitas vezes no campo dos estudos pós-coloniais. “A abordagem pós-colonial constrói sobre a evidência [...] de que toda enunciação vem de algum lugar, sua crítica ao processo de produção do conhecimento científico que, ao privilegiar modelos e conteúdos próprios aquilo que se definiu como a cultura nacional nos países europeus, reproduziria em outros termos, a lógica da relação colonial. Tanto as experiências de minorias sociais quanto os processos de transformação ocorridos nas sociedades ‘não ocidentais’ continuariam sendo tratados a partir de suas relações de funcionalidade, semelhança ou divergência com aquilo que se definiu como centro. Nesse sentido, o ‘pós’ do pós-colonial não representa simplesmente um ‘depois’ no sentido cronológico linear; trata-se de uma operação de reconfiguração do campo discursivo, no qual as relações hierárquicas são significadas [...]. O colonial, por sua vez, vai além do colonialismo e alude a situações de opressão diversas” (COSTA, 2006, p. 83-84).

<sup>5</sup> O conceito de Hall (2013) de poder deriva da influência do conceito gramsciano de hegemonia em sua obra.

concepções de Hall não contradizem as formulações de Adorno, mas possibilitam uma mirada através de outro viés, para lados pouco trabalhados pelo frankfurtiano.

### **Modernidade-Colonialidade: A necessidade da construção de um pensamento liminar**

Neste tópico farei apontamentos sobre a construção uma modernidade-colonialidade<sup>6</sup>. Quijano (2006), aponta que os processos que culminaram no desenvolvimento de uma racionalidade, intrínseca à ideia de modernidade na Europa, só foram possíveis através da colonialidade. A constituição da ideia de Ocidente fora concebida em relação com um Outro, as populações colonizadas. Mas, este Outro, como outro elemento constitutivo de uma relação intersubjetiva, fora excluído da narrativa (DUSSEL, 1993). Tanto que, a construção da ideia de indivíduo e de sujeito europeia, narra um ser humano cognoscente que interage com objetos de conhecimento. Nas práticas europeias esta concepção de ser humano, o desloca das antigas relações que o aprisionavam, mas como consequência excluem, ou não consideram os outros integrantes do gênero humano como iguais, de fato. Este paradigma europeu de conhecimento racional não somente foi elaborado no contexto de dominação colonial, mas fazia parte de sua estrutura (QUIJANO, 2006: 422). A colonialidade desta estrutura de poder e do modo de conceber a relação com outros povos, pode ser exemplificada pelo autor no surgimento de disciplinas como a antropologia e a etnologia. Ambas alocavam o europeu como sujeito de conhecimento, ao passo que, os povos ‘exóticos’ eram limitados a objetos de conhecimento<sup>7</sup>. A Europa, neste interim, logrou êxito em alçar um provincialismo à condição de universal (QUIJANO, 2006). Desta forma seria necessária uma descolonização epistemológica para que este modelo seja superado (MIGNOLO, 2003; SOUZA SANTOS, 2007; CASTRO-GÓMEZ, 2005; QUIJANO, 2006).

Todavia, a produção binária do pensamento racional fruto da modernidade se encontra em xeque, na visão de Castro-Gómez (2005). Os universalismos e os metarrelatos para este autor se encontram muito longe de conseguir explicar os processos hodiernos de desenvolvimento da cultura. Sendo necessária uma revitalização, já em curso, da Teoria Crítica da Sociedade. Pois, como apontado por Quijano (2006), a Europa alça um provincialismo a condição de universal. Ambos os autores, coadunam a ideia de que é necessária a realização de uma descolonização epistemológica para a possibilidade de compreensão, crítica e transformação de mecanismos que

<sup>6</sup> Ver O’Gorman (1992), para uma empreita que analisa e disseca o horizonte cultural sobre o qual a ideia de América é inventada na Europa, e quais as consequências ontológicas em ambos os lados do Atlântico.

<sup>7</sup> Gonzalez Stephan (1995; 1996), mostra como no interior de sociedades colonizadas esta lógica foi reproduzida, por certa ‘elite’ na construção de ‘cidadãos’ e na consolidação de um projeto civilizador europeu, uma cruzada moral contra a ‘barbárie’.

operam no sistema-mundo capitalista hoje em processo de globalização. Segrera (2005), crê que é necessária uma transdisciplinaridade nas ciências, principalmente a partir da cooperação sul-sul, para que se possa emancipar a produção do conhecimento na América Latina de um modelo eurocêntrico e que supere a crise vislumbrada pelo autor. Mignolo (2003, p. 439), defende a descolonização através do pensamento liminar, ancorado em categorias como: dupla consciência, dupla crítica, uma outra língua, um outro pensamento, uma nova consciência mestiça, criouliização, transculturação, cultura da transigência. Conceitos que Mignolo (2003) encontra em diversos pensadores como Quijano, Dussel, Said, Bhabha, Spivak, Wallerstein, Foucault, dentre outros. Mas, que possuem em comum, assim como, a transdisciplinaridade apontada por Segrera, sobretudo, o enfoque sobre as articulações, os pontos de contato, o que permitir partir de uma dimensão epistemológica múltipla e que pretende compreender processos e contextos sociais múltiplos. Estas seriam formas de buscar maneiras de se pensar para além das categorias ocidentais.

### **Tensões a brasileira: Horizonte cultural de uma modernidade periférica**

Os processos de consolidação de Estados-Nação ancorados numa racionalidade científico-técnica-burocrática importada da Europa reeditaram nas colônias libertas a lógica da colonialidade do poder (MIGNOLO, 2003). No Brasil, não ocorreu de modo distinto, mas com contornos específicos, que geraram/geram conflitos, tensões e ambiguidades em nosso tecido social até hoje. Este tópico pretende inserir esta temática de maneira a contextualizar nossas tensões, sem pretensões analíticas. Com destaque as marcas que o processo de colonização deixa no Brasil, e as possibilidades de modernização que foram construídas.

Souza (2006), afirma que não há existência de repertório simbólico autônomo no Brasil colonial. Pois, o senhor de terras possuía possibilidade para construir dentro de seus “domínios” uma espécie de poder baseado em sua vontade e disposições. O estudo de Maria Sylvia de Carvalho Franco (1997), sobre os homens livres durante o período da escravidão permite afirmar que a resolução dos conflitos e as noções simbólicas se pautavam no “código do desafio” e na violência física. De forma que, a dominação exercida pelos senhores de terra era “desejável” na formação da subjetividade destes homens livres que são comparados pela autora a “criaturas domesticadas”. A cruel modalidade de escravidão que foi posta em prática em terras brasileiras e a forma pessoal e opaca das relações simbólicas de poder no tecido social de terras que ainda não possuíam o sentido de Brasil, são as primeiras marcas de nosso “esquematismo cultural” (SOUZA, 2006).

As práticas modernas se inserem no espaço social antes das ideias modernas<sup>8</sup>, isto faz com que instituições como Estado e mercado pareçam ter uma racionalidade própria, opacam as relações de poder e as formas de dominação que estas instituições estabelecem (SOUZA, 2006, p. 99). Mas não apenas isto, o repertório simbólico do período de importação destas instituições é permeado pela presença da escravidão de seres humanos, como uma espécie de instituição total que permeou as relações simbólicas no Brasil por quase 400 anos, e reverbera até os dias atuais<sup>9</sup>. Florestan Fernandes (2008), demonstrou em estudo empírico que no florescer e no desenvolvimento da sociedade de classes<sup>10</sup>, não havia uma inserção por igual da população negra, algo aberrante em uma sociedade competitiva, aberta e democrática. Havia a persistência de condições psicossociais conectadas ao antigo regime, de modo que, engendraram um isolamento sociocultural de descendentes dos seres humanos que foram escravizados. O mito da democracia racial brasileira cumpriu importante papel na legitimação desta falsa consciência sobre a realidade racial brasileira, operando como legitimador de um *status quo ante*. Cito uma passagem significativa que mostra o momento a reação quando o sujeito subalternizado não atende as expectativas planteadas pelos mecanismos sutis<sup>11</sup>, analisados por Fernandes, de assimetria racial:

Em regra, se o ‘negro’ tentasse frustrar as expectativas de comportamento ‘submisso’, deixando de ‘se colocar em seu lugar’ e, principalmente, se ele procurasse se impor como ‘igual’ ou ‘superior’, o ‘branco’ reagia de modo desfavorável (às vezes com violência insopitável), tornando-se imprevisível o curso e o desfecho das ações de um e de outro (FERNANDES, 2008, p. 351).

Sendo a violência insopitável descrita, se corporifica de modos, por vezes violentos, por vezes sutis, mas que desmascaram qualquer elaboração intelectual baseada na ideia de uma “democracia racial”. Fernandes, conclui seu estudo afirmando que se por um lado a lógica de uma sociedade competitiva criada por “brancos” e para “brancos” não tem por consequência uma mudança estrutural no panorama da assimetria das relações raciais no Brasil, ela permite um arejamento e cria espaços para que estas mudanças possam ser reivindicadas pelos seguimentos subalternizados da população, possibilitam espaços de combate.

Fernandes (2006), em outra obra, defende a existência de uma revolução burguesa

<sup>8</sup> O conto *Véspera de Eleições* do autor venezuelano Rufino Blanco-Fombona, publicado no Brasil em 1958 pela editora Cultrix, é exemplar para mostrar que esta desconexão entre instituições e repertório simbólico popular não se restringe apenas ao Brasil, mas a outras ex-colônias também.

<sup>9</sup> De modo a citar apenas um exemplo recente destas reverberações, podemos pensar no médico que acorrentou um dos funcionários de uma fazenda de sua propriedade, e gravou um vídeo, rindo e afirmando, dentre outras coisas, que aquele homem deveria ficar na sua senzala. Cf. <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/policia-de-goias-investiga-medico-que-acorrentou-e-mandou-homem-negro-ficar-na-senzala/> (Acesso em 22/02/2022).

<sup>10</sup> O campo de estudo do autor fora a cidade de São Paulo, seus dados vão de 1880 a 1960.

<sup>11</sup> As reverberações desta configuração psicossocial calcada em valoração racial assimétrica, podem ser sentidas hoje em formulações como “o racismo começa com as cotas”.



“encapuzada” no Brasil, um processo de modernização que se inicia com a importação<sup>12</sup> das instituições da modernidade europeia, mas não desloca as estruturas de poder no território nacional. Souza (2006), partindo da leitura de Freyre, analisa que este impulso modernizador muda as relações com que as elites elaboram a aplicação de seu poderio nas relações de poder. Ou seja, há uma amálgama do poder personalista com a gramática do liberalismo europeu, ao menos nas prática intra-elites. A consolidação deste modelo de modernização atinge outro patamar na década de 1930, a partir do que Vianna (1976), concebe como “via prussiana” de desenvolvimento, uma forte modernização que parte do “alto”, que não produz mudanças de visões de mundo no tecido social. Podemos chamar este processo de modernização conservadora<sup>13</sup>.

Estes elementos compõem parte daquilo que Souza (2006) descreveu como naturalização das desigualdades entre nós. Argumenta o autor, a existência de uma rede pré-reflexiva que se manifesta materialmente. Cita o exemplo de um indivíduo pertencente a classes de status positivado, que ao atropelar um membro de uma classe subalterna, ao final do processo possuiria uma pena leve, ou nenhuma pena. Algo que não ocorreria, no caso inverso, ou no caso de dois indivíduos de uma mesma classe. Este esquematismo de dominação simbólica só seria possível, dentre outros motivos<sup>14</sup>, pela herança da escravidão, como instituição total, que alocaria, uma ralé estrutural de desajustados a ordem concorrencial capitalista, distinguíveis pelo seu *habitus precário*<sup>15</sup> – em um sentido bourdiesiano - e os ex-agentes do trabalho escravizado, que além de seu *habitus* precário, seriam visivelmente reconhecíveis por traços fenotípicos<sup>16</sup>. Disto, resultaria a “naturalização” da desigualdade social vivenciada no país, e, a existência de uma massa populacional de cidadãos não plenos ou nas palavras de Souza, sub-cidadãos.

Outro ponto importante a assinalar é que a construção e consolidação da indústria cultural,

<sup>12</sup> O diagnóstico de Souza (2006, p. 184-185), é caro a reflexão, pois o sociólogo ampara sua argumentação na tese de que inserção das instituições modernas no Brasil, não possibilitou a inclusão de todos os seres humanos no mesmo patamar simbólico.

<sup>13</sup> Cito Guimarães (2002, p. 37) no que concerne a um movimento de sociabilidade específico das classes ‘altas’ do Brasil: “A sociabilidade inerente ao grande capital (o individualismo, o universalismo de valores e a formalidade das regras), longe de se impor ao conjunto da sociedade brasileira, ficou prisioneira de um círculo restrito de pessoas ‘esclarecidas’, que circulam internacionalmente, não chegando sequer a atingir o conjunto das classes médias”.

<sup>14</sup> Guimarães (2002, p. 65), atenta para os perigos que uma concepção que explique as desigualdades sociais apenas em relação a heranças do passado pode causar.

<sup>15</sup> Souza (2006), se vale da noção de *habitus* precário para apresentar um sistema de disposições corporais que fugiriam aquelas disposições europeizadas e que fariam com que as pessoas fossem avaliadas, de forma pré-reflexiva, como ‘naturalmente’ inferiores, seria um dos aspectos que permitiria que as desigualdades fossem tratadas como algo ‘natural’ no tecido social brasileiro.

<sup>16</sup> Coadunado com a aceção de Guimarães (2002), que a categoria “raça” é uma indispensável a uma analítica que revela que as discriminações e desigualdades não se restringem apenas a “classe”. Este posicionamento repousa na compreensão de que não existem raças biológicas; e o que chamamos de “raça” tem existência efetiva e eficaz no *mundo social*, apenas no mundo social pode ter realidade plena.

tanto na América Latina quanto no Brasil é diferente daquela analisada por Adorno & Horkheimer (1985). Apesar de semelhanças estruturais, a temporalidade de sua constituição irá apontar um caminho interessante de nosso caso. Ortiz (2001), analisa esta consolidação, que se dá nas décadas de 1960/1970. Antes deste período, nos anos 1940/1950, a indústria cultural brasileira é marcada pelo localismo e pelos capitães de indústria. A consolidação da comercialização de bens culturais irá ocorrer no contexto da ditadura miliar. De forma que, uma padronização dos conteúdos, característica marcante de uma indústria cultural na teoria frankfurtiana, e uma racionalização da gerência das empresas de comunicação por *managers*, apenas se concretizará neste período.

A concretização da indústria cultural no Brasil, conecta os interesses das camadas militares e burguesas. Por exemplo, financia-se a partir do Estado a construção de uma rede de transmissão televisiva nacional. Para o governo autoritário, era uma possibilidade de controle/repressão e disciplinamento da população através da censura, para os empresários uma possibilidade de vender bens culturais para todo o país. A ideia que se encontra por trás dos dois grupos interessados é o da “integração” nacional, um voltado para o campo ideológico e o outro voltado para as práticas de mercado. Ortiz (2001), em suas definições acerca da indústria cultural coaduna com as formulações da Teoria Crítica alemã, como o fato de a cultura transformada em mercadoria precisar de um fundo ideológico para se impor como legítima, mas se afasta ao afirmar que “mesmo quando industrializada, não é nunca inteiramente mercadoria, ela encerra um ‘valor de uso’ que é intrínseco a sua manifestação” (ORTIZ, 2001, p. 146). A consequência desta consolidação da indústria cultural seria um enrijecimento da cultura. Neste contexto específico, quais seriam as potencialidades ou os meios para se pensar em uma formação voltada à emancipação que se pautasse na transdisciplinaridade, e no pensamento liminar?

### **Apontamentos Finais: Possibilidades de Formação Voltadas à Emancipação/Libertação**

Adorno (1995), coloca como objetivo a ser perseguido por uma educação crítica que Auschwitz e a barbárie que ocorrera no nazi-fascismo não pode se repetir. O teórico de ascendência judaica, tem em suas concepções ecos perceptíveis da filosofia iluminista<sup>17</sup>. A concepção deste pensador de que a cultura hodiernamente se encontra corrompida reverbera em algumas asseverações que atenuam o potencial emancipador de sua crítica<sup>18</sup>. Em Paulo Freire (1967; 1996),

<sup>17</sup> Assim como Kant (1985), Adorno concebe a educação/formação como algo que em potencial pode emancipar os seres humanos, que possa os retirar da barbárie/menoridade.

<sup>18</sup> Por exemplo, em uma nota, na qual utiliza a linguagem como metonímia à cultura, Adorno (1995) apesar de afirmar que não defende a imposição de uma ‘língua culta’ sob um dialeto, assevera que a formação cultural se revela a partir da aquisição de um órgão que possibilite perceber as nuances de diferentes dialetos. Bem como, permita reconhecer aquele

encontramos uma visão diversa que concebe a possibilidade de uma dialogicidade entre os seres humanos, que seriam todos já equipados com uma potencialidade para o diálogo, independentemente de suas formações culturais. A preocupação de Freire (1967), como educador popular, ao mostrar para os seres humanos, principalmente aqueles que creem estar fora da cultura/civilização, que fazem parte do gênero humano e que dividem de suas “conquistas”, aprofunda o potencial de libertá-los, o que uma teoria como a de Adorno (1995) que concebe a população rural como detentora de um menor repertório simbólico e como truculenta em potencial – engessa, apesar de sua compreensão sobre as ambiguidades do processo de formação.

As ideias de Fanon (2005; 2008) repercutem em autores altamente relevantes em nosso país como Paulo Freire e Florestan Fernandes. Fanon (2008), apresenta a construção psíquica danificada do sujeito colonizado, que tem um *status* inferior conferido pela cor de sua pele, pode-se pensar em relação com Adorno (2010), na forma como uma determinada cultura, seja pautada pela indústria cultural, seja envolta pelo racismo, produz seres humanos que possuam certa dificuldade em se emancipar. Desta forma, precisamos pensar em construir uma libertação/autonomia que parta da nossa realidade, vislumbrando uma nova ontologia. “Decidamos não imitar a Europa e orientemos nossos cérebros e músculos a uma direção nova” (FANON, 2005, p. 363).

O terreno da cultura como local em que se constroem resistências e sujeições (HALL, 2013) deve ser pensado de forma crítica, em busca de uma forma de possibilitar que exista uma educação/formação que liberte, construa sujeitos críticos. González (2007), apresenta concepções voltadas à construção de uma cidadania voltada a interculturalidade<sup>19</sup>, desde a perspectiva de que as narrativas nacionais (as comunidades imaginadas), não dão conta de criar unicidade em determinado território. Seria necessário fomentar mecanismos para a expressão de identidades interculturais.

É necessário pensar em como *habitar* o espaço, seja o urbano, seja o rural, pois o sujeito se constrói neste *habitar*<sup>20</sup>. Bem como, de se refletir sobre a necessária desconstrução dos binarismos ocidentais, defendida tão fortemente por teóricos pós e decoloniais. E, uma construção de políticas

---

que o liberte do jugo opressor da natureza. Ou seja, em última análise, podemos verificar a existência para o pensador alemão de uma hierarquia entre linguagens/culturas. De forma que só as concebidas como aquelas que retiram o dialeto de sua rudeza e o tratam de forma conciliatória seriam libertadoras. Por outro lado, apenas o desenvolvimento de um órgão de linguagem, o qual compreenda estas nuances da linguagem seria condição *sine qua non* para uma *Bildung* (formação cultural).

<sup>19</sup> Para o autor colombiano se trata de inserir as concepções clássicas de cidadania em uma nova órbita, na qual exista uma convivência plural e pacífica de concepções acerca das condições para se alcançar uma vida feliz (GONZÁLEZ, 2007). Em conferência proferida no *Congresso da Asociación Larinoamericana de Sociología* (ALAS) em 2017, o autor também comentou sobre a necessidade da construção de ‘valores universales mestizos’ que não se atualizem em uma integração subordinada dos países latino-americanos ao Centro/Ocidente.

<sup>20</sup> Esta concepção também se remete a cidade educativa idealizada por Freire (1996).

públicas em consonância com os produtores e mediadores culturais não-hegemônicos<sup>21</sup>, que se localizam no epicentro das construções das múltiplas identidades que constituem territórios pós-nacionais e os próprios sujeitos na hodiernidade. Portanto, ao deslocarmos o ponto de vista para os processos de nossa própria experiência como ex-colônias, advindas de um processo de Modernidade periférica, a qual produz especificidades, necessitamos de ferramentas que sejam locais, ou que sejam trabalhadas para atender as especificidades de nosso contexto. E, mesmo a construção destas ferramentas locais, perpassam um diálogo com tecnologias que globalizam e transnacionalizam as relações sociais de modo inédito na história da humanidade. Nenhuma das teorias mencionadas acima possui uma fórmula mágica que culmine na emancipação/libertação dos sujeitos, mas seus direcionamentos e sua criticidade permitem ambicionar este como um horizonte possível, mas que deve ser construído a partir de uma visão crítica sobre a realidade e sobre nós mesmos.

## Referências

ADORNO, Theodor. W. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.) **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Nacional, 1978.

ADORNO, Theodor. W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor. W. Teoria da Semiformação. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antonio A. S.; CALMON, Luiz A.; LASTÓRIA, Nabuco. **Teoria Crítica e inconformismo: Novas perspectivas de pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2010.

ADORNO, Theodor. W.; HORKHEIMER, Max: A indústria cultural: O esclarecimento como mistificação das massas. In: ADORNO, Theodor. W; HORKHEIMER, Max: **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

CARVALHO FRANCO, Maria Sylvia de. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciencias sociales, violència epistémica y el problema de la “invención del otro”. In: LANDER, Edgardo. (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005.

COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo**. Belo Horizonte:

---

<sup>21</sup> Souza Santos (2007), pensa que uma descolonização epistemológica, pode passar pela construção de uma ecologia de saberes. A ecologia de saberes que defende seria a valorização de uma grande gama de conhecimentos subalternizados, que se colocariam em pé de igualdade ao conhecimento gerado pela episteme europeia, este movimento de pensar conhecimentos locais, como tão importantes como aqueles que se tornaram cânones, remete a valorização do senso comum planteada por Paulo Freire em seus escritos.

Editora UFMG, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.

DUSSEL, Enrique. **O encobrimento do outro: A origem do mito da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

FANON, Frantz. **Os Condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Salvador: Editora EDUFBA, 2008

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. São Paulo: Editora Globo, 2006.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes** (vol. 1). São Paulo: Editora Globo, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. **Classes, raça e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2002.

GONZÁLEZ, Jorge E. Ciudadanía e interculturalidad In: GONZÁLEZ, Jorge E (Org.) **Ciudadanía y Cultura**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2007.

GONZÁLEZ STEPHAN, Beatriz. Modernización y disciplinamiento. La formación del ciudadano: del espacio público y privado. In: GONZÁLEZ STEPHAN, Beatriz; (Org.) **Esplendores y miserias del siglo XIX**. Cultura y sociedad en América Latina. Caracas: Monte Ávila Editores, 1995.

GONZÁLEZ STEPHAN, Beatriz. Economías fundacionales. Diseño del cuerpo ciudadano. IN: GONZÁLEZ STEPHAN, Beatriz. (Org.) **Cultura y Tercer Mundo**. Nuevas identidades y ciudadanías. Caracas: Nueva Sociedad, 1996.

GRUSCHKA, Andreas. **Frieza burguesa e educação: a frieza como mal-estar da cultura burguesa na educação**. Campinas: Autores Associados, 2014.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. São Paulo: Editora Centauro, 2002.

KANT, Immanuel. O que é o Esclarecimento? In: **Textos Seletos**. Petrópolis: vozes, 1985.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/Projetos globais - Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NOBRE, Marcos. **A Teoria Crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

O’GORMAN, Edmundo. **A invenção da América:** Reflexão a respeito da estrutura histórica do novo mundo e do sentido do seu devir. São Paulo: Editora da UNESP, 1992

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira:** cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade e Modernidade-Racionalidade In: BONILLA, Heraclio. (Org.): **Os Conquistados: 1492 e a população indígena das Américas.** São Paulo, Editora Hucitec, 2006.

SEGRERA, Francisco L. Abrir, repensar y redimensionar las ciencias sociales em América Latina y Caribe. ¿Es posible una ciencia social no eurocéntrica en nuestra región? In: LANDER, Edgardo. (Org). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania:** por uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estud. - CEBRAP**, n. 79, p. 71-94, 2007.

VIANNA, Luiz. W. **Liberalismo e sindicato no Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

ZUIN, Antonio; PUCCI, Bruno; LASTÓRIA, Luiz. N. **10 Lições sobre Adorno.** Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

*Recebido em: 19 de janeiro de 2021.*

*Aprovado em: 24 de fevereiro de 2020.*